

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.<sup>o</sup>

15. DE DEZEMBRO DE 1846.

N.<sup>o</sup> 48

CHRONICA DE D. PEDRO O CRUEL,  
REI DE CASTELLA, OU O RE-  
MENDÃO DE SEVILHA, EM  
1560.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Era hum anno d'escacez, e a fome fazia mil estragos nos reinos de Andalusia. Cançado o povo de inuteis rogativas principiava a murmurar surdamente. Já se discutiao mil projectos sinistros de incendios, e roubos, entre a famiota plebe, que tinha principalmente em mira os conventos, por desconfiar que estavam cheios de abundantes provisões. Nestas circumstancias entrou em Sevilha o rei D. Pedro o cruel, a quem os habitantes fizeram mui frio acolhimento.

Segundo costumava, sahio D. Pedro aquella mesma noite do seu palacio da Mercê disfarçado, e entrou a correr as ruas e praças para conhecer a verdadeira situação do povo, e os expedientes que empregaria para combater aquella terrivel calamidade.

Passando pelo posto do çapateiro remendão Frasquilho, ao pé de Giralda, ouviu hum profundo suspiro, seguido por estas palavras: « Ah!

que se eu fôsse Assistente de Sevilha por vinte e quatro horas ao menos juro que o povo teria á manha pão com abundancia! »

Poucos minutos depois recebeu o çapateiro hum pergaminho selado e assignado pelo rei em que lhe era conferida a dignidade de Assistente de Sevilha por vinte e quatro horas somente e com obrigação expressa de proporcionar ao povo o pão de que necessitava sobpena de ser no dia seguinte enforcado na praça do palacio.

Pouco reparou o novo corregedor na dura condição com que terminava o despacho, porque seguro de sahir-se bem da empresa começou logo a destacar officiaes de justiça a dous monopolistas de grãos chamados Bringas e Gutierres a quem tinha sorprendido casualmente, fallando em segredo á cerca de seus haveres impondo lhes immediatamente pena de morte, se não abrião no mesmo instante as portas de seus armazens de trigo, para satisfazer a fome do publico.

Bringas, e Gutierres vacilarão, mas resolverão antes viver do que guardar o mantimento e no dia seguinte despertou o povo nadando em abundancia.

Naquella manha, foi a plebe á

praça da Mercê, e tão ruidosa e expressiva foi a sua gratidão quanto na véspera havia sido terrível o seu desalento. Esta era a primeira vez que D. Pedro entrava em Sevilha com favorável agouro. O povo, já salvo da fome, e orgulhoso por ver hum dos seus elevado à primeira dignidade da provincia compensava com reiteradas aclamações a seu monarcha o frio recebimento, que no dia anterior lhe fizera. Mil vivas ao rei, e a tio Frasquilho, resoavam na praça e qual branda e desconhecida musica, chegávão aos ouvidos do tyranno.

O rei, mandou que se lhe apresentasse o novo Assistente, e não sem tremer lhe appreciou Frasquilho; mas com signaes de bondade e satisfação, o animou D. Pedro, dizendo:

— Senhor D. Frasquilho, muito bem desempenhastes a commissão que vos encumbi; tão boa acção, a não deixarei eu sem recompensa. A vós e só a vós devo estas mestras de agradecimento que da praça me envia o povo... força he que vos pague divida tão grande.

— Senhor lhe respondeu o recommendo, inchado com os reaes elogios, premio bastante recebi em livrar da fome os meus irmãos.

Isso não basta. Hontem me deste evidente prova da tua habilidade administrativa: agora, as funções que por vinte e quatro horas te havia conferido, quero continues a desempenhar-as; e desde hoje hees Assistente proprietario de Sevilha.

— Senhor! Como pôsso eu...

— Mas escuta as condições que te imponho.

— Mande V. M., respondeu inclinando-se ante o sombrio monarcha, o aturdido Frasquilho.

— Quero que se faça prompta e severa justiça a todos os crimes, como fizestes aos dous avaros monopolistas. Hum só dilicto impondido, serve de exemplo para se commetterem dez, pelo menos; e em vós, senhor Assistente, confio que o numero dos crimes, seja igual aos dos castigos. A primeira cabeça delinquente que deixares escapar, será substituida pela tua.. Vai-te com Deos.

Frasquilho hia abrir a boca para replicar, porem emmudoceu só com hum gesto do tyranno e sahio pouco satisfeito das condições com que passava da miseravel tenda portatil de çapateiro remendão, ao palacio do Assistente de Sevilha. Da miseria ao mando e opolencia, a transição, era por certo agradavel!... Mas a imagem de hum corda apertada na garganta pelo menor descuido sou, ou falta dos officiaes de justiça, aguava todo o seu contentamento; era bocado que não podia digirir. A pesar da ambição, grande apêgo tinha o çapateiro à vida, e era este hum fraco, merecedor de alguma desculpa assim o medo de a perder, pôde com elle mais do que o desejo das honras e riquezas que acabava de alcançar, e o moveu a pedir a sua dimissão a D. Pedro. Não tardou a resposta do rei. Abriu-a tremendo:

— «Se o nosso Assistente (dizia o rei) quer que nos dignemos aceitar a sua dimissão, tem hum seguro meio de a obter»...

— Louvado seja Deos! exclamou Frasquilho interrompendo a leitura e dando hum suspiro de satisfação: vejamos qual he este meio. E continuou a lêr:

«Se D. Frasquilho deixar algum crime sem castigo, dou-lhe a minha palavra, de o exonerar sem demora... e depois disso, mandalo-hei enforcar.»

— Enforcar-me! enforcar-me! Bom modo he este de premiar os meus serviços! Porém visto que não ha mais remedio, mãos á obra e o Anjo Custodio me guie neste novo caminho da minha procelosa vida.

Tomada esta resoluta decisão, reuniu todos os officiaes que tinha as suas ordens e fez-lhes a seguinte memoravel oração:

— Meus amigos, pela graça do illustre rei D. Pedro que Deos guarde, continuo a exercer as funções de Assistente de Sevilha. Justo he que participeis comigo das honras e mercês que S. M. se dignou conceder-me.

— *Viva elrei!* gritaraõ todos os esbirros.

— Sim, meus filhos, *viva elrei!* porque me nomeou seu Assistente de tão boa fé, que *beni a meu pesar* não posso largar este emprego se não com a vida... Primeiro beneficio de elrei nosso senhor! A todos vos nomeio eu tambem officiaes vitalicios, A quem isto desagradar,

não tem mais do que abrir a boca... e nesse mesmo instante lhe mando cortar a cabeça; condição com que o nosso gracioso monarcha se digna tambem conceder-me isempção do serviço. *Viva elrei!*

Desta vez ninguem correspondeu ao viva do novo Assistente.

— Não repetis a mesma acclamação!? Pouco importa.. A opinião he livre: e com tanto que desempeñeis o vosso officio nada mais vos peço.

Retirarão-se os officiaes sem dizer esta boca he minha. Graças ao aborrecimento que lhes causava a praça da Mercê, cheios de zelo pelo bem publico, discorrerão por todos os bairros da cidade, e logo no outro dia forão enforcados dous mendigos porque tinham furtado cada hum seu pão; e assim continuarão, sem ter quasi tempo de comer e dormir, dando continuamente que fazer ao carrasco, que já lhe custava a poder com tão grande tarefa.

Quiz certo noite o rei D. Pedro ver por seus proprios olhos os effeito de tão rigorosa policia, e disfardado com a sua capa negra visitou as ruas mais sombrias da cidade, em que apenas encontrava cuidadosos esbirros, pelos quaes a meudo, sem o esperar, se roçava; quando pelas onze horas da noite, passeando no bairro de Santa Maria, vio hum homem parado que entretinha amorosos colloquios com huma senhora que estava á janella suspirando. Aquelle era Herrera predecessor de tio Frasquilho, despedido indecorosamente de casa do monopolista Brinças, no mesmo dia em que fôra

de-titulado. O infeliz hia pedir palavras de consolação á sua amada Izabel, filha do velho avarento.

Não ignorava o rei segundo a urbanidade e costume estabelecido, que devia torcer o caminho, sem reparar no que se passava; e que a infracção desta convenção tacita, era preludio de singular combate. Não obstante, o tyranno foi direito ao vulto. Herrera rogou-lhe cortezmente que se desviasse; mas vendo que o utro não fazia caso das suas admoestações, puxou pela espada, e quiz oppor-se ao progresso do terrivel monarcha. Este poz-se em defeza, e da pendencia que travárao, seguiu-se a morte de Herrera, a quem huma estocada atravessou o coração. Escapou-se como poudo o real matador, e entrou furtivamente em seu palacio.

Aos gritos de Izabel, apparecerão os visinhos ás janellas, e correrão as justiças porém já o assassino havia desaparecido, sem deixar indício algum por onde lhe podessem seguir as pisadas.

No outro dia pela manhã, foi o rei a casa de Frásquilho, que ainda ignorava o acontecimento da vespera; e com certo ar comprazenteiro, que deu grande satisfação ao ex-capateiro:

— Tio Frásquilho, disse elle tocando-lhe no hombro: ou para fallar mais propriamente, D. Frásquilho meu Assistente em Sevilha, graças á tua vigilancia á cidade goza do maior socego. Bem se vê que entendes mais de policia do que todos os teus predecessores.

— Senhor, isso he porque eu sou da classe do povo, e conheço melhor as suas mánhas.

— Entendo, e já o devia ter á muito entendido. Hes o mais digno, e habil administrador de Cas-tella, e assim como te dei palavra de enforçar te ao mais leve descuido (Frásquilho estremeceu) quero tambem dar-te hum premio correspondente ao teu admiravel governo. Qual te parece melhor o titulo de conde, ou de cavalleiro?

— Mil graças, senhor disse Frásquilho, fluctuandó entre o respeito e ambição. En nunca montei a cavallo; e pelo que respeita ao titulo de conde (nao quero dizer que o desprezo) parece-me letreiro de garrafa vazia.

— Tens razão: pois encha-se a garrafa antes de pôr o letreiro. Queres então dinheiro, ou algum castello na provincia de estremadura?

— Hum castello só, custa muito a sustentar, mas na companhia de alguns mil ducados, bem medaria com que passar a vida como hum conego; mas não sou tao indiscreto, que peça a V. M. ambas as cousas...

Ouviu-se ruido na antesala, e desprendendo-se das mãos dos porteiros, que não querião deixal-a entrar, appareceu huma joven donzella, que foi lançar-se aos pés do rei.

— Quem sois, disse D. Pedro levantando-a, e que pretendeis de mim?

— Sou filha de D. Iscar Brin-gas, hum dos primeiros commerciantes desta cidade, e venho implor-

rar justiça de hum homicidio hontem a noite commettido debaixo das minhas janellas. O que foi cobardemente assassinado, he das principaes familias destes reinos, e seu sangue...

— Não val mais hum maravedi, lhe disse o rei, do que o do mais inferior dos meus vassallos. A justiça he igual para todos; vingado será o vosso cavalleiro, não por ser nobre, mas por ser assassinado. Talvez era algum parente vosso?

— Não senhor. lhe respondeu timidamente Izabel, mas em pouco tempo me seria licito usar do seu nome.

— Que nome tinha?

— Chamava-se conde Herrera.

— O meu predecessor! exclamou Frasquilho.

— Como he isto, senhor Assistente? disse cheio de sanha o rei; pois nada sabia de tão extraordinario acontecimento?

— Senhor... talvez os meus officiaes...

— Demasiada preça tive por certo de elogiar a tua vigilancia... Foi preso o matador?

— Para vos rogar que fizesseis redobrar a vigilancia, a fim de prender a todo o custo o criminoso, vinha aos pés de V. M., atalhou Izabel.

— He o mesmo que duvidar

da minha justiça, e suppôr que precisava para ordenar o castigo de hum homicidio, ver derramar lagrimas a esses formosos olhos.

— Senhor!...

— Felizmente eu me persuadindo que o sentimento vos não deixou conhecer a injuria que acabais de fazer-me. Não só vos perdôo, mas prometto vingar-vos promptamente.

Inclinou-se Izabel, para retirar-se; mas o cruel Pedro lhe disse:

— Esperai, que vos quero mostrar como faço cumprir o seu dever aos depositarios da justiça.

Olhou o rei para tio Frasquilho, que pallido, e com a cabeça inclinada sobre o peito, maldizia em seu coração as grandezas, e já conhecia falta da sua barraca, situada ao pé da cathedral, quando apenas alguns momentos antes regateiava castellos, e titulos com o príncipe.

— Senhor Assistente, lhe disse este chamando-o a huma janella que deitava para a praça da Mercê; que fazem aquelles homens entre tanto povo?

— Senhor, he o verdugo e seus ajudantes, que tirão a forca, porque ha já tres dias, que se não fazem execuções.

— Pois hade servir amanhã: Que a deixem estar.

— Eu vou lá abaixo dizer-lhes....

— Não. Daqui mesmo te podem ouvir... Que esperas?

— Perdôe-me V. M.... Mas a lingua se me apegava ao paladar, e a garganta secca....

— Ainda tardas?!!

Chegou-se, finalmente, Frasquilho á janella, e parecendo-lhe que lançava ao mesmo tempo o coração, e a voz pela boca fóra.

— Mestre!... Mestre!... O'!... Olá.... Tio Paco! Torna a pôr isso.... isso.... no seu lugar... Assim o manda elrei.

— O Assistente de Sevilha, emendou o rei.

— Digo, o Assistente de Sevilha, repetiu Frasquilho.

— E estejam promptos todos amanhã pelas seis horas da tarde, continuou o rei, para pendurar d'esse patibulo o matador do conde Herrera...

— Do conde Herrera, repetiu como echo Frasquilho....

— Ou, em seu lugar, o descuidado Assistente, que em vez de vigiar na segurança dos cidadãos, dorme toda a noite regaladamente.

Toda a constancia do pobre Frasquilho, ficou esgotada quando ouviu estas ultimas palavras, que lhe foi impossivel repetir; e bambaleando-lhe as pernas, só

dizia com voz surda estas palavras mal articuladas: « Ah! senhor, perdão! perdão! »

O rei despedio Izabel, e abriu huma porta que communicava com o seu palacio; mas antes de retirar-se, olhando com desprezo para o desgraçado remendão, soltou estas palavras de cruel ironia:

— Mestre Frasquilho, habilissimo remendão da praça de St. Antonio, que sabe mais do que todos os reis, nobres, e fidalgos, aquem nenhum pode comparar-se na bóa administração de huma cidade, e provincia, ésta he a occasião de provar até onde chega a tua penetração e sabença. A cabeça do matador de Herrera, ou a tua!... Até amanhã.

— Até amanhã, senhor, respondeu com insperada serenidade o çapateiro, como se huma inspiração repentina lhe despertasse na idêa algum meio infalivel de sahir d'aquelle aperto. Fechou immediatamente as portas, e foi correndo ao bairro de St. Maria, aonde se achava situada a casa de D. Iscario Bringas, invocando pelo caminho a assistencia dos Sanctos:

— Agora, meu senhor S. Francisco, agora he que verdadeiramente preciso do vosso piedoso valimento: de todo o coração vos imploro, e rôgo me

ajudeis a sahir desta arriscadissima affronta; ensinai-me a descobrir o matador de Herrera, que eu vos prometto o que fôr mais do vosso agrado, ainda que tenha de metter-me leigo da vossa ordem, para vos servir e amar até o fim da vida. Amen!

Tranquillison-se hum pouco o bom Frasquilho, depois de entregar a sua causa nas mãos do Sancto. Demais o termo que o rei lhe tinha concedido, talvez fôsse bastante para descobrir o culpado.

Muitissimo povo se tinha ajuntado á porta de Isoario Bringas, olhando para as nodos de sangue, com que o desgraçado amante d'Izabel tinha manchado as pedras. Os meirinhos, e outros officiaes de justiça, porque muito lhes hia nisso, andavão misturados com os curiosos, observando phisionomias e palavras, porem nada colhião de suas indagações.

Mal divisárão o seu superior, viérão cheios de consternação render-lhe humildes acatamentos.

—Que tal, meus amigos? lhes disse o senhor Assistente, franzindo as sombrancêlhas á imitação do tyranno. Ha muitas horas que não tenho o gosto de os vêr por minha casa!

—Ah! senhor, lhe respondeu hum delles, esta noite se commetteu hum crime horroro-

so...

—Devéras? meu filho!... Estavas esperando que eu viesse a este lugar para dar-me parte, não he verdade?

—Não nos atreviamos a apparecer diante de v. s., sem ter descoberto..

—O cadaver? esse todòs o podem vêr. Visto isso, nada sabeis do matador? Pois bem! muito bem! meus meninos, já vejo que tendes muito desejo de bailar na praça da Mercê. Instrumento, e tocadores, tudo está preparado para vos dar esse gosto; e graças ao diabo, e ao nosso auabilissimo rei, que Deos guarde, amanhã dançaremos juntos, ainda que para isso não tenhamos as melhores despozições, e talvez seja preciso que nos puxem pelas pernas. Adeos, meus caros, até á vista.

Feita esta amavel despedida, entrou o bom do remendão em casa de Bringas, ao mesmo tempo que a filha deste.

—Justamente para fallar com v. m., lhe disse o Assistente, he que eu aqui voha; sirv-ase, menina, conduzir-me a lugar em que, sem testemunhas, tratemos de indagar quem he o brégeiro que nos armou hum treta, verdadeiramente digna de satanaz.

—A vóçê? lhe respondeu a

moça toda enfadada, a vm. que foi causa de Herrera ser despojado pelo rei, da sua dignidade, e que talvez está muito satisfeito pela sua morte?

— Oh! pois não! satisfeitisimo!! Á tão pouco tempo que as ouvio, e já lhe esquecerão as palavras do rei?! Pois affirmo-lhe, que ainda me estão soando aos ouvidos! Amanhã pelas seis horas da tarde, será enforcado o matador do conde &, nem eu me atrevo a dizer o resto! *Diós me ladepare buena.* Chegue á razão, menina. Vm. só perdeu hum amante, e....

--- Senhor Assistente!...

— A perda he sensivel na verdade; porem essa empurração bem depressa he substituida; logo, ainda hoje, amanhã o mais tardar, póde tomar outro:—rei morto, rei pôsto—; porem eu, infeliz! miseravel! desgraçado! se no termo prescripto de trinta horas, não descobro o matador, quem me restituirá a vida, depois do carrasco ma ter tirado? Já vê pois, que eu tenho razão para amar o seu defunto noivo, e aborrecer o malvado que o fez sahir deste mundo, muito mais do que vm. propria. Entremos, entremos, senhora, e sentemo-nos, que as pernas me tremem muito.

Elle mesmo abriu a porta interior, e achou Bringas com sua

mulher, que forão receber sua filha, conduzida pela mão do çapateiro.

Assim que Bringas vio o Assistente, lembrado que lhe devia a venda forçada de seus trigos, teve desejo de o deitar da janella em baixo.

— Que tem você que fazer nesta casa? lhe disse cheio de raiva o ayarento. Não está ainda contente de me ter arruinado, ainda vem?...

— Não venho remendar os çapatos, respondeu Frasquilho empertigando-se, que tal não he o officio do Assistente de Sevilha. Venho interrogar, e não ser interrogado. Tenha por tanto melhor creação, se he que a sabe. Não tardará que falle com v. m.; por ôra tenho negocio com sua filha, e quando chegar a sua vez, eu o mandarei avisar; retirem-se.

— Bringas exasperado, hia responder com máo módo, mas sua mulher o fez sahir em sua companhia.

Frasquilho, fechou a porta, sentou-se em huma poltrona, e com gravidade magistral, principiou o seu interrogatorio a Izabel.

— Conte, menina, como aconteceu a morte do conde Herrera, sem omitir a mais leve circumstancia... porque ás vez pelo fio se dá com o novêlo.

Contou-lhe Izabel a tragica



scena, segundo tinha podido presenciar-a no meio de sua perturbação.

— Que feições tinha o matador?

— Não pude ver-lhe a cara.

— Mas a altura, e postura do corpo, a côr do traje.

— O que sei he que estava com um vestido negro. A obscuridade, e o susto me não deixarão vêr mais nada.

— Pois em que estava pensando, com todos os di... quando matavão o seu amante ás estocadas? Como posso eu só com estes signaes descobrir o matador (depois de alguns momentos de reflexão). Conhece v. m. algum inimigo do conde?

— Nenhum.

— Peior!... FALLE com sinceridade. Havia algum rival capaz de se desfazer d'elle á traição?

— Não senhor.

— Não? veja bem o que diz!... Eu tambem ouvi dizer, que seu pae o tinha posto pela porta fóra vergonhosamente, no mesmo dia em que perdêra o emprego.

— He verdade.

— Por consequencia seu pae lhe destinava outro marido?

— Não sei.

— Mas elle prohibio ao conde que tornasse a fallar com v. m. mesmo da rua.

— Sim senhor.

— Bem! Muito bem! exclamou o Assistente, levantando-se, e passeiando pela sala a passos agigantados; muito bem! já achi o fio de tão escuro acontecimento!... Eu te rendo as graças, S. Francisco, meu adoravel e seraphico patrono, por tão ditosa inspiração!... Chame seu pae, senhora... Este he o caminho... o raciocinio não pôde fallar.

— Que me quer você, mestre, disse com arrogancia Bringas.

— Pôde você sentar-se.

— Estou bem de pé.

— Com effeito, esse he o modo porque deve estar na presença da authority todo o subdito respeitoso.

— Bringas, sentou-se.

— Como quizer, amigo Bringas, deixemos bagatellas, e vamos ao que importa.

— No mesmo dia que deixou de ser Assistente de Sevilha o conde Herrera, não lhe deu v. m. com a porta na cara, ou pouco menos, e não o expulsou de sua casa com ignominia? Em quanto conservou o emprego, tambem v. m. lhe dava carta branca para conversar com sua filha, etabio-lhe em desgraça, no mesmo instante em que perdeu o mando? Muito bem! nada mais natural, até aqui tudo está na ordem.

— E que lhe importa a você o que se passa em minha casa? que você dizia [quando conversava com Gutierrez....

— Em sua casa, pouco me importa agora o que se passa; mas fora d'ella, diante da sua mesma porta, e às onze horas da noite passada.... he cousa que me importa hum pouco.

— Que pretende você dizer com isso? Quer acaso imputar-me a morte do conde?

— Veremos, veremos: não se affija você... Despedido o conde, nem por isso perdeu o amor a sua filha... Até aqui tudo está na ordem.... e apesar da prohibição continuo a ver a noiva... Também isto está na ordem... e você enojado com semelhante desobediencia (proseguiu o remendão vagarosamente, reparando com attenção no gesto de Bringas), nem ao menos lhe veio á imaginação a idéa, de huma estocada bem dirigida?...

— Eu? gritou Bringas, dando hum pulo na cadeira.

— Soeégue, e ouça. Até aqui tudo está em ordem.

— Accusar-me de hum homicidio! A mim! A mim! exclamava Bringas furioso, e juntamente medroso.

— Directamente a você não, continuou Frasquilho, sempre com os olhos fitos nelle. Porem hum homem que tendo os colleiros cheios de mantimentos, se divertia em deixar morrer á fome toda a gente de Sevilha, a cincoenta mil creaturas, que certamente morrerião, se da minha tenda não tivesse ouvido o

Maldita imprudencia! disse Bringas em voz baixa

— Hum homem com taes entranhas, senhor Bringas, bem pôde sem escrupulo desfazer-se do noivo de sua filha, quando reduzido a poucos meios e sem a authoridade com que protegia os seus monopolios, se obstinava a pretendê-la a despeito das suas ordens... Que tal?

— O que você está suppondo he huma infamia.

— Porem... até aqui, amigo, parece-me que tudo está muito em ordem.

Frasquilho chegou á janella e mandou entrar dous esbirros.

— Que pretende você fazer? perguntou assustado o avaro.

— Que esteja em segurança em quanto faço algumas perguntas á sua respeitavel senhora e aos criados da casa. Quero saber se veio aqui algum espadachim tratar do preço porque havia matar o conde.

E sem fazer caso das injurias e reclamações de Bringas, subio ao primeiro andar, a onde a mulher, e filha de Bringas esperávão o resultado do colloquio judicial.

— Chamem vs. ms. todos os seus criados, que tenho que lhes dizer.

Obedeceu a mãe de Izabel, e logo appareceu a velha Maria, por que mais servidores não havia em casa; porem nada conseguio o Assistente com suas incidiosas perguntas, para o fim porque as fazia.

Veio a noite, que em vão foi gasta em minuciosas indagações. Amanheceu, e seis marteladas soaram do alto da giraldia, annunciando a Frasquilho que só lhe restavam dez horas de vida, pois que a mais leve esperança o tinha já abandonado. Mas não obstante, poz-se a correr de novo as ruas e as praças para dar pasto à inquietação mortal que o atormentava. Elle não podia levar á paciencia deixar de viver: absorto nos seus tristes pensamentos, entregava-se à direcção que as mal seguras pernas tomavam, e como se fosse automato movido por engenhosa mecanica olhava sem ver, ouvia sem escutar. O somido do meio dia o fez repentinamente parar como se já sentisse a corda na garganta. Levou a mão ao pescoço... mas conhecendo que estava na praça de St. Antonio, ao pé do lugar em que tombeava o velho calçado de seus concidadãos, tornou a si, e recordou-se que só lhes restavam seis horas para respirar o ar deste mundo.

As portas da cathedral estavam abertas, convidando Frasquilho a entrar no sancto templo. Elle obedeceu á inspiração, e prostrado ante a imagem de seu patrono, dirigio-lhe huma fervorosa oração em que misturou algumas reconvenções. Foi a sachristia, comprou huma véla, que accendeu defronte do Sancto, julgando por este modo obrigat-o a fazer hum milagre para o salvar. Saffio da igreja e fitando os olhos na sua tenda, em que tantas horas passára isenpto de cuidados: « Ah! minha querida barraquinha! nunca mais

té veres! Maldita seja a hora em que te deixei!... Deos bem sabe que o fiz para livrar da fome a meus irmãos!... E que premio ganhei?... Por bem fazer mal haver!... Se deixasse morrer todos de fome... não hicia hoje morrer enforcado!!!

Da torre da giraldia continuavam a soar sem piedade as horas, e Frasquilho cessando de lamentar-se encostou-se a hum muro encruçou os braços, deixou pender a cabeça para o peito e com os olhos no chão contemplava com horror as imagens sepulcraes que a sua fanthasia lhe pintava. Huma voz conhecida o arrancou ás agitações melancolicas a que o seu termo próximo o convidava: suppondo-se já na regio dos mortos aquella voz lhe fez huma sensação tão agradável, como se o tirasse do sepulcro.

— Tio Frasquilho! Graças a Deos que te ponho a vista em cima!... Porem que tens, meu filho? porque choras tão amargamente?

Tornando a si conheceu o capateiro, que a pessoa que lhe fallava era huma velha sua fregueza, que pedia esmola á porta de St. Antonio.

— Ah! tia Monica, muitos ja-neiros tem passado por cima de vós; mas quanto daria eu para trocarmos a sorte!

— Com oitenta e oito que tenho ás costas?

— Assim mesmo, porque esses oitenta e oito não vos privão de ver hoje mesmo como enforcão Frasquilho o pobre Frasquilho, que com tanto esmero e caridade recomendava as tuas chinellas.

— Pois vão-te enforcar? meu filho.

— E por ordem do nosso benévolo soberano.

— Do soberano?... disse com vivacidade a velha, estirando-se. Conta Frasquilho, conta-me o caso.

— Por causa da morte desse maldito Herrera. Elrei quer que hoje se enforque algum, ou o matador, ou a mim. Até agora, tia Monica, ainda não cheguei a descobrir o criminoso; assim tia Monica já podes hir rezando hum padre nosso por alma do miseravel Frasquilho.

— Pois não resarei tal, meu filho, porque não morrerás respondeu a velha com ar de satisfação. Ainda espero que me remendarás boas duzias de chinellas.

— Se já me não resta a menor esperança, nem tempo me resta para fazer apertar o gasnete aos meus officiaes!

— Não importa, nem elles tão pouco haõ de morrer... eu bem sei quem matou o conde.

— Tia Monica, tu sabes quem matou o conde? exclamou o remendado apertando a velha entre os braços com hum transporte de indizível alegria.

— Não me afogues, filho, em recompensa da minha boa obra!

— Ah! em nome de toda a corte celeste, anjo do céo, dize-me, conta-me como...

— Escuta: a noite que matáraõ o conde, estava eu deitada ao abrigo da porta de St. Maria perto da qual, como tú sabes, he a ca-

sa de D. Iscario Bringas. Eu dormitava, mas acordei ao tinar d'espadas, e gritos que soavaõ da janella da casa de Bringas.... D'aqui a hum instante, passou accelearadamente, junto a mim hum cavalheiro todo vestido de negro.. Era o assassino, que felizmente me não vio.

— Ah! tia Monica!... viste-lhe o rosto?

— Não... só o vi por de traz.

— Conheceste os seus vestidos?

— Não, que elle estava embuçado.

— Deixou cahir alguma cousa por onde desconfiasses...?

— Não... e a pesar disso sei perfeitamente quem he.

— E quem he?

— O rei.

— O rei?!?! ...

Ficou o çapateiro estupefacto quando ouviu revelação tão extraordinaria, e pensando hum pouco para confirmar-se na crença d'ella. A proporção que a comparava com o character cruel, e extravagante do principe, hia perdendo todas as duvidas, sentia renascer as forças, e despertar a subtiliza do seu engenho para lhe dictar algum remedio que destruisse o exito das ferozes intenções do soberano.

— Tia Monica, não tenho já duvida nenhuma: he elle o matador. Sem embargo disso, como este jogo he de arriscar o resto, he necessario ter muito boas e poderosas provas.

— Queres que te diga porque sig-

nal o conheci? Escuta. Quando D. Pedro tinha huns treze mezes, e só quatro dentes mal nascidos deu tão grande mordidella no seio da sua ama, a condeça de Penafiel, que o criava, e tão a guda foi a dor que lhe causou, que desmaiando, deixou cahir no chão o real infante. Desconjuntou-se hum joelho ao mettino, e a pesar de o curarem muito bem sem deixar-lhe aleijão, desde então lhe ficou hum vicio muito desagradavel para hum principe que tem a mania de sahir de noite incognito. Este vicio consiste em certo rugido mui sonoro que a cada passo dão os ossos da sua perna esquerda. Por este signal foi que eu o conheci a noite de antes d'hontem. Vai por tanto ao paço, meu filho, ja que sabes o segredo, falla ao rei abertamente e com inteireza, que he o unico meio de tapar-lhe a boca... Anda, e a Virgem vá com tigo.

Frasquilho foi ao palacio, e de caminho vio o immenso povo, que já estava na praça da Mercê, esperando pelas seis horas. O hom çapateiro lhe agradeceu no centro do seu coração a pontualidade, e dirigio-se á camara do rei.

— A hora não tarda, lhe disse D. Pedro.... O povo espera ao pé do cadafalso, e pergunta ao veredugo se estás prompto a entregar-lhe huma cabeça.

— Sim senhor, lhe respondeu Frasquilho sem vacillar.

— Provavelmente a tua....?

— Não senhor.

— Pois qual?

— A do matador do conde Herrera.

— O'lá! disse o rei admirado, chegaste a descobrir....?!

— Sim senhor. respondeu impassivel o remendão.

— E que pretendes aqui?

— Venho apresentar a sentença a V. M. para que se digue confirmada.

— Vejâmos primeiro, disse o rei com surpresa e perturbação.

— Aqui a tem V. M.

— Mas aonde está o nome do criminoso? instou o rei depois de folhear os papeis.

— O nome não faz ao caso, não manda V. M. satisfazer a justiça?

— Por certo. Aqui está a minha firma; continuou o rei depois de assignar a sentença; mas por Deos vivo te juro, que se não for o verdadeiro, tens de segui-lo brevemente.

— Isso he justo, senhor. lhe respondeu Frasquilho com certo ar de segurança, que augmentava a perturbação do tyranno.. E se o paciente for em realidade o matador do conde, V. M. me segura a vida?

— Sim, e alem disso te concedo o mais que me pedires.

— Mil graças rendo a V. M. por tal mercê, mas digne-se repetir a mesma promessa diante da côrte.

— Na presença do céu e do inferno! gritou o rei.

— Agora vou dar ao algoz a sentença firmada pela augusta mão de V. M. ... e ordem para que saia o réo.

O rei por extremo espantado com a segurança que Frasquilho mostrava, mandou abrir as janellas que deitavão para a praça, e foi observar o que alli se passava. O povo estava a montado em torno do palacio dando gritos, e pedindo o espectáculo que lhe tinham prometido. Mas repentinamente a este ruído e tumulto, succedeu o mais profundo silencio. Abriu-se a turba para dar passagem á tropa de cavallaria que se formou em torno do patibulo: atraz desta vinha a justiça em duas fileiras, precedida pelo Assistente, e huma companhia de soldados infantés, levava no meio o réo, coberto com huma grande tunica, e sostido pelo verdugo e hum de seus ajudantes.

Leo o Assistente em alta voz a sentença de morte, pregou o pergaminho em hum dos angulos da forca... e logo, sem descobrir o rosto do paciente lançou-lhe o verdugo a corda ao pescoço, assentou-se-lhe nos hombros, e arrojou-se ao ar.

No mesmo instante, dous officiaes do paço se apoderarão de Frasquilho, e o levárão ante o rei.

— Mestre, lhe disse D. Pedro que significa essa farça, e quem he o que mandas-te enforçar?

Frasquilho chegou-se ao rei, e disse-lhe ao ouvido: — « O paciente, chama-se D. Pedro, rei de Castella, matador do conde Herrera.

— Picaro!... Julgas tú por ventura?... »

— Julgo, e creio, o que revelou o joelho esquerdo de V. M.

— Sabes que posso agora mesmo...

— Cumprir a sua palavra, senhor.

— E que mais me pedes?

— A minha de missao.

— Aceito-a... e te dou mil dobrões. Porem á noite, me farás tirar do cadafalso. Entendes? e silencio ou, quando não...

— Dou mil graças a V. M.

Aquella mesma noite sahio D. Pedro de Sevilla... e o tio Frasquilho tornando ao seu officio, repartio generosamente com a velha Monica os mil dobrões, em premio de sua revelação.

CARTA DE HUMA DONZELLA DE TREZE ANNOS, PEDINDO PAROER SOBRE O SEU CASAMENTO.

De tenero meditatur ungui.

Hor: 3 Od.

Sr. — Eu fiz treze annos a nove de novembro passado, e com effeito é tempo que eu prinopie a cuidar em tomar estado; por isso humildemente vos rogo que me digaes como deverei haver-me com Florindo, o qual actualmente me faz a côrte. Florindo he hum homem muito bonito; tem olhos pretos os mais engraçados do mundo, e ninguem apresenta dentes tão alvos, nem mais bem feitos. Eu sei que elle tem, por méu respeito, regeitado grandes vantagens; tambem se não casar comigo, com outra não casa. Mas, meu pai prohibiu-lhe a entrada de nossa casa, so por me ter mandado um soneto; pois, sabeis que elle he hum dos melhores poetas da cidade. Minha mana mais velha, a qual, apesar de toda a ami-

cade que me tem, muito gosto teria, segundo presumo, em que eu ficasse solteira toda a vida, deve casar primeiro: assim querem todos os meus parentes. Ella diz a meu pãe e a minha mãe, que Florindo traz uma douda, e que tanto ha de fazer, que por fim ha de perder a menina; assim he que ella me chama, como si eu não fosse já huma senhora. N'huma palavra, eu estou resolvida a dár a minha mão a Florindo, ainda que não seja senão para vel-a morder-se de inveja. Porém, como ainda assim não me acho disposta a commetter a menor imprudencia, peça-vos o obsequio de responder às seguintes perguntas; ficando desde já na certeza que seguirei á risca os vossos conselhos.

Quando Florindo leva huma hora inteira a olhar para mim, e me chama o seu *anginho*, não devo eu ficar persuadida que elle está devêras namorado de mim?

*Não.*

Não posso eu contar que elle ha de ser hum bom marido, visto que promete entregar-me a metade do meu dote para o meu boçinho, e ainda em cima comprar-me huma oarruagem da moda, e das mais lindas?

*Não, não.*

Eu, que o conheço ha quasi hum anno, por ventura não saberei melhor ajuizar do seu merecimento do que meu pãe e minha mãe, que nunca o ouvirão fallar se não á mesa?

*Não, não, não.*

~~Quando~~ não estou eu já em idade de poder escolher marido, sem ter que dar satisfação às que me governão?

*Não, não, não, não.*

Não seria huma enorme grosseria em mim ter recusado a Florindo huma trança do meu cabello?

*Não, não, não, não, não.*

Não me teria todos por huma mulher bem cruel, se eu não tivesse compaixão de hum homem, que hum só ja tanta mágoa deixa de suspirar por mim?

*Não, não, não, não, não, não.*

Pensais, assim como eu penso, que elle irá deitar-se a afogar, se por desgraça não chegar a casar comigo?

*Não, não, não, não, não, não.*

Quando não possamos obter o consentimento de meus pães, aconselhai-me que fuja com elle, não he assim?

*Não, não, não, não, não, não, não.*

Dévêrei dizer-lhe que sim que esbau prompta, a primeira vez que me perguntar se devêras pretendo casar com elle?

*Não, não, e mais 7 vezes não.*

*Steele.*



#### CARTA DE HUM COMICO.

Finalmente, querido amigo, chegamos a Pontoise. O carreteiro F. transporta a nossa neve, e sarava; os ventos e furacões vem mais a traz, e haõ-de chegar mais tarde do que eu pensava; mas hum dos zefiros perdeu-se no caminho. O trovão rebenteu hontem com bem magoa nossa, porque alem da despeza, hade custar muito a fazer outro semelhante; os relâmpagos, o curiscos, achaõ-se em bom estado: porem as nossas divindades passãõ mal:—O amor culho doente de he-xigas, e para que a molestia não se communicasse às tres graças, mandamol-as vaccinar em Amiens, onde ficãrão com a morte para ter cuidado nellas.—Ha poucos dias se nos aggregou hum Marte que não farà má figura. Os nossos rios, e mar, vem embarcados. Se vieres para este lado, traze-nos algumas nuvens, e hum arco iris, de que temos falta. Não ta esqueça de nos mandar huma cascata, porque a

que tinha-mos se queimou. Precisamos saber o custo do bósque, da fortaleza e da ponte levadiça, que espero me remetta com a minha roupa.

Teu amigo etc.

P. E. Como por ora não tinha-mos precisão das tres furias, entrarão, até nova ordem, na rôda, para crear enfeitados.



### MAXIMAS, E PENSAMENTOS

1.

O louvôr, fôge de quem o procura: Trabalha por merecê-lo, e não perguntes: » fiz bem? »

2.

O melhor protectôr, não val hum verdadeiro amigo.

3.

Ninguem he tão respeitavel, como homem bom que por virtude se cala quando as suas palavras podem offender sem melhorar os outros, e falla sem receio do proprio perigo, quando vê condemnar o innocente.

4.

Aprende d'aquelles que dão com maior nobresa, a difficil arte de dar com delicadesa; dos que perdoão com maior generosidade, a arte mais difficil, de perdoar generosamente.

5.

Quem chama à prudencia extravagancia; à humildade a vivez; dureza à caridade, não pode ser bom, prudente, nem humilde.



### CHARADA

Irado o Céu em aguas se dissolve } 2  
E, tudo, menos eu, nellas se innunda }  
Sobre os eixos a terra se revolve, } 2  
E, cada giro seu, meu tempo funda }

Da Grecia outr'ora  
Fui regiaõ;  
E, mesmo agora,  
Lá me acharão.



A decifração da charada do numero antecedente he — Carapitanga.

O — Recreador Mineiro — publica se nos dias 17. e 15 de todos os mezes.

A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4<sup>o</sup> sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. pér anno, e 3:000 por seis mezes, nesta Cidade do Ouro Preto: e fóra della 7:000 rs. annuaes 3:500 semestre, pagos adiantados, por isso que nesta quantia se inclue o porte do correio: Cada numero avulso custará 400 rs. e 1:200 rs. levando estampas, as quaes todavia, não augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra que desejarem subscrerer, podem dirigir-se por carta sobre semelhante objecto.

O. P. Typ. imp. de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, Rua da Giló, n. 9



# INDICAÇÃO

DAS MATERIAS, CONSIGNADAS NO 4.º TOMO DO

## RECREADOR MINEIRO

DISTRIBUIDAS SEGUNDO O SEU

## PROGRAMMA.

..... foliis que notas et nomina mandat.  
Quæcumque in foliis descripsit .....  
Digerit in numerum.

VIRGIL. ENEID.

Não só indica em suas paginas as materias, e suas classes, como tambem distribue por hum methodo scientifico o que nas proprias paginas se consigna.



### 1.ª SECÇÃO — MEMORIA.



#### HISTORIA.



##### HISTORIA ANTIGA.

A mulher de Seneca . . . . .	pag. 657
O cavallo do imperador Caligula . . . . .	712
Rasgo de amizade . . . . .	713
Rêtrato de Jezus Christo . . . . .	737

##### HISTORIA MODERNA

Napoleão o Grande . . . . .	581
Narração episodica de Palmares . . . . .	721
Napoleão em Paris . . . . .	733
— (Continuação) . . . . .	710

##### INDUSTRIA AGRICULA E COMMERCIAL

Memoria sobre a Cochonilha	
(Continuação) . . . . .	584
— (Continuação) . . . . .	593
Tratado do Bicho da Sêda . . . . .	609
— (Continuação) . . . . .	626
— (Continuação) . . . . .	612
— (Continuação) . . . . .	659
Memoria sobre a Baunilha . . . . .	681
— (Continuação) . . . . .	701
Additamento sobre a Baunilha . . . . .	717

## ARTES.

Receitas para obter-se tintas de  
côres . . . . . 637

## ETYMOLOGIA HISTORICA

— do mez de Julho . . . . . 607  
— do mez de Agosto . . . . . 623  
— do mez de Setembro . . . . . 656  
— do mez de Outubro . . . . . 700  
— do mez de Novembro . . . . . 715  
— do mez de Dezembro . . . . . 750

## CHRONICAS.

— de D. Pedro o Cruel . . . . . 753

## PHYSICA

Suspensãõ das faculdades vitæes . 606

## GNOMONICA.

Hum relógio á Polk . . . . . 622

## ETHNOGRAPHIA.

Congregaçaõ dos Espiritos . . . . . 714

## MEMORIAS BIOGRAPHICAS.

Rothschild . . . . . 713  
Parto memoravel . . . . . 736

## COSMETICA.

Correspondencia . . . . . 699

## MEMORIAS HISTORICAS.

A igreja de S. Sebastião do Rio  
de Janeiro . . . . . 673  
Correspondencia . . . . . 750

## ENTOMOLOGIA.

O insecto da Taquara . . . . . 625

## CRITICA

— por Allegoria; Apologo . . . . . 623  
— pela Historia; a Mulher, e o  
Astronomo . . . . . 63

## THERAPEUTICA.

Remedio para a mordedura de  
cobra . . . . . 712  
Medicina melodiosa . . . . . 715

## HISTORIA POLITICA.

Hum lei de Zaleuco . . . . . 716

## ETYMOLOGIA ETHNOGRAPHICA.

Origem das mesuras . . . . . 709

## CHRONICA JUDICIARIA.

Hum auto de corpo de delicto . 654

## MORAL PELA HISTORIA.

Notavel fidelidade de hum criado . 714  
O testamento . . . . . 746

## TECHNOGRAPHIA.

Carta de hum Comico . . . . . 767

## HISTORIA PATHOGNOMONICA.

Caso raro de somnambulismo . . . 637

## FOLHETINS.

A especulaçaõ . . . . . 587  
O propheta de S. Paulo . . . . . 595  
— ( Continuaçaõ ) . . . . . 617  
Terror pânico . . . . . 649  
As atmospheras individuaes . . . . 665  
Hum só paixãõ, e dois casa-  
mentos por amor . . . . . 690  
Tom Bermingham . . . . . 724  
— ( Continuaçaõ ) . . . . . 738

ANECDOTAS.

O Padre Antonio Vieira . . . . . 608  
 Hum Cavalleiro Romano . . . . . ”  
 Hum credor irreconciliavel . . . . . 624  
 Petronilha, Francisca, e Joanna . 636  
 O camponêz, e o burro do seu visinho . . . . . 640  
 Os tres Racans . . . . . 641  
 Huma lição que póde aproveitar 651  
 Huma extravagancia de Carlos Magno . . . . . 658  
 A mulher muda . . . . . ”  
 Curioso incidente de hum duello . 664  
 O manequim . . . . . 674  
 Deatorrá de hum magistrado . . . 679  
 O bom despácho . . . . . 680

O fidalgo tem razão . . . . . 680  
 Aviso aos enfermeiros . . . . . ”  
 Huma actriz em viagem . . . . . 705  
 900 dollars por huma mulher . . 707  
 Hum militar de prestimo . . . . . 708  
 O cardéal, o ministro d'estado, e o medico d'elrei . . . . . 710  
 O curiosoõ atraiçoando-se a si mesmo . . . . . 711  
 Aviso aos que pedem cartas de recommendação . . . . . 712  
 O economico . . . . . 713  
 Hum atçador de vellas . . . . . 736  
 Acto de reconciliação na hora da morte . . . . . ”  
 Hum almoço de sardinhas . . . . 751  
 Carta de huma donzella . . . . . 766

SECCÃO — RAZÃO

PHILOSOPHIA.

MORAL.

Carta de Franklin sobre os casamentos prematuros . . . . . 603  
 Da vida, e sua apparente duraçãõ . 633  
 Quaes sejaõ os instituidores da infancia . . . . . 731

MEDITAÇÕES PHILOSOPHICAS.

Maximas, e Pensamentos . 608, 768  
 Pensamentos . . . . . 624, 640  
 Maximas, e Sentenças . . . 735, 752

DIVINATORIA.

Enigma . . . . . 624

CALCULO.

Genealogico — Multiplicidade dos

nossos antepassados . . . . . 654  
 Geographico — As maiores noites em diversas partes do mundo . . 689

CRITICA.

As baldas . . . . . 606  
 Os nervos . . . . . 708

DECIFRAÇÕES.

de charadas { asno, 608; pecego, 624; milagre, 640; laranja, palatino, 656; Ovidio, 672; incapaz, 680; falúa, 700; cupido, cará, 752; carapitanga, 768.  
 de enigmas { a letra — O —, 624; a letra — M —, 610.  
 de logographos : . . . mariola, 716

---

# SECÇÃO - IMAGINAÇÃO

---

## POESIA.

---

### EPICA.

Enigma . . . . .	608
Soneto . . . . .	639
Charadas, 656, 672, 716, 768.	
Soneto ao Dia 2 de Dezembro .	751

Charadas, 592, 608, 624, 640, 680,	
716, 752.	
O arbusto de amor . . . . .	605
Hum não sei que . . . . .	655
Logogripho . . . . .	706
Mote glosado . . . . .	709

### LYRICA.

Hum caso de consciencia . . . . .	591
-----------------------------------	-----

---

## GRAVURAS.

Napoleão na campanha da Prussia . . . . .	581
Igreja de S. Sebastião do Rio de Janeiro . . . . .	674















